RUÍNAS EM CENA NO TEATRO DO MUNDO EM MUTAÇÃO

Recebido: 28 de Julho de 2023 / Aprovado: 13 de Outubro de 2023

https://doi.org/10.14195/2182-844X_9_2

Silvio Luiz Cordeiro

Arquiteto e Arqueólogo

Resumo

O texto introduz reflexões que motivaram a criação da Antropocênica – uma série internacional de estudos transdisciplinares – e os principais conceitos propostos na interação entre as esferas da arqueologia, filosofia e arquitetura, para pensar sobre as cenas do drama humano na Terra.

Palavras-chave: Antropocênica; ruínas; teatro; cidade; tecnosfera

Abstract

The paper introduces reflections that motivated the creation of the Antropocenica – an international series of transdisciplinary studies – and the main concepts proposed through interaction between the spheres of archaeology, philosophy and architecture, to think about the scenes of the human drama on Earth.

Keywords:. Antropocenica; ruins; theater; city; technosphere

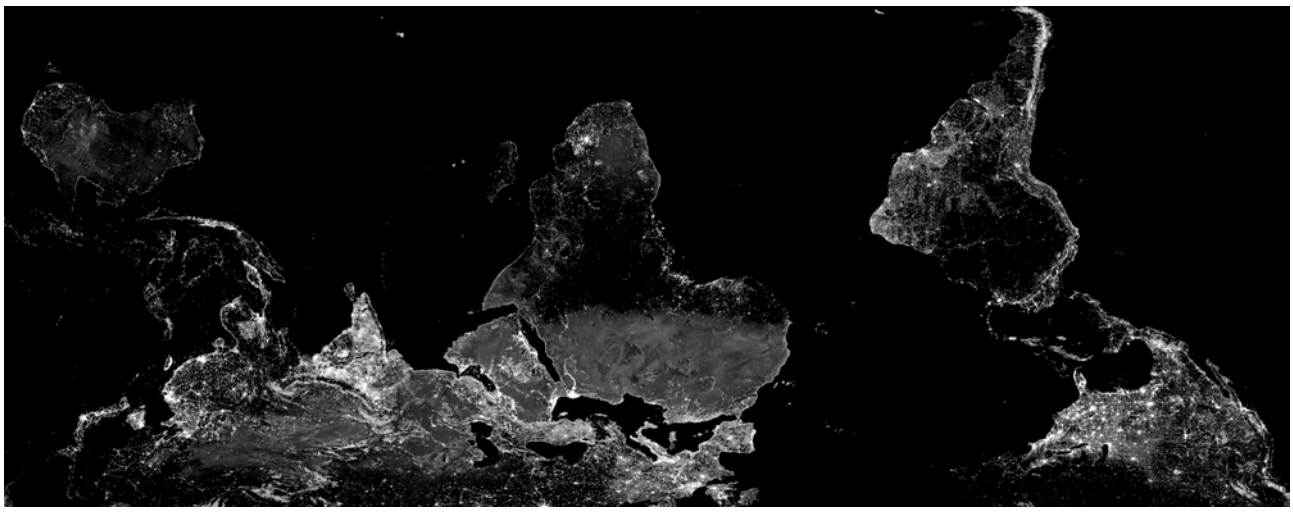
1 Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património da Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta de Portugal
ORCID ID: 0000-0002-4487-0820
slucord@gmail.com

Nas paisagens do mundo contemporâneo, encontramos evidências da progressiva e intensa ação transformadora do ambiente pelas sociedades humanas ao longo do tempo, sobretudo pelas culturas urbanas, de civilizações diversas, desde aquelas que existiram no passado às sociedades que habitam e constroem as grandes cidades de hoje, cujas imagens, muito expressivas — ao denotarem a dimensão e a complexidade do fenômeno — são as que representam as metrópoles e a formação de megalópoles no tempo presente.

No início do século XXI, pela primeira vez na história, mais da metade da população mundial passou a viver em cidades, fato que evidencia a expansão do modo de vida urbano e a consolidação de redes urbanas, que assumem formas tentaculares, redesenhando antigas paisagens ao configurar territórios artificiais, interconectados por estruturas técnicas de múltiplos sistemas (energia, água, transporte etc.), assim como as próprias redes telemáticas, cuja existência e eficiência amplificam a condição de instantaneidade, agência essencial na dinâmica vigente que nos envolve.

No teatro atual das paisagens urbanas vistas em países meridionais, ex-colônias de Portugal, concentram-se problemas expressivos de uma urbanização incompleta, cuja fisionomia comum, por exemplo das periferias nas cidades maiores, é marcada por vastas favelas, paisagens marginais (e marginalizadas), onde altos índices de violência são verificados. Diante de tais territórios, cenas contrastantes emergem entre as benesses aparentes do crescimento econômico (vinculado a processos predatórios) e o abandono social.

Quais são as cenas e cenários dos impactos atuais e pregressos deste processo na condição humana e nas paisagens habitadas? E os contrastes,



A imagem técnica imaginária acima (representação de uma noite total na Terra, vista em sua completude) como modo de análise e evidência da realidade urbana no planeta. A partir da informação visual sobre a iluminação elétrica noturna, principalmente concentrada em zonas urbanas, captada por sensores instalados em satélites, cientistas da NASA mapearam a urbanização contemporânea. Os pontos de maior intensidade luminosa representam grandes cidades, interconectadas numa rede urbana expandida, que coincide com redes de infra-estruturas técnicas, difusamente energizadas. Em Antropocênica, como referência ao Sul Global, subvertemos a orientação habitual do mapa mundi. Data: Marc Imholf (NASA GSFC) e Christopher Elvidge (NOAA NGDC). Imagem Original: Craig Mayhew e Robert Simmon (NASA GSFC). Imagem Editada: Silvio Luiz Cordeiro.

No século XXI, três imagens da maior metrópole sul-americana, principal centro econômico e financeiro do Brasil, com estruturas-índices que acentuam atributos da grande cidade de hoje, como dilatado organismo urbano tele-cinemático. Pelo contraste no presente, entre tempos desse território artificial, compreende-se a dimensão e dinâmica das mudanças, desde seu passado como aldeia jesuítica implantada em território indígena Tupiniquim em 1553-1554. Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

conflitos e temporalidades expressos nos lugares vivenciados? Que evidências propiciam uma certa medida das transformações desses lugares? No drama da paisagem, quantos referenciais e imaginários — físicos, simbólicos, afetivos — conformam, abrigam, desvelam memórias e narrativas?

Questões como essas motivaram a proposição da série internacional de estudos e encontros transdisciplinares Antropocênica — idealizada por mim e o filósofo Dirk Michael Hennrich; e coordenada por nós e a arqueóloga Maria da Conceição Lopes — na perspectiva das reflexões sobre o Antropoceno, mas a partir de um recorte histórico

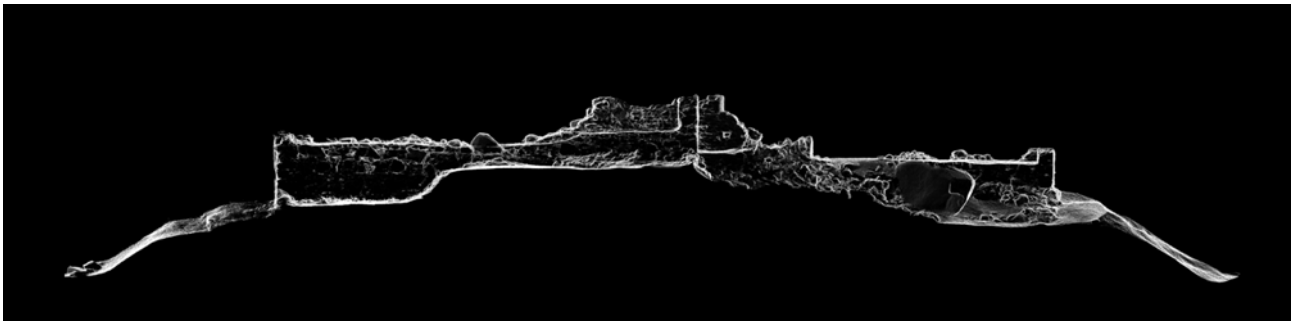
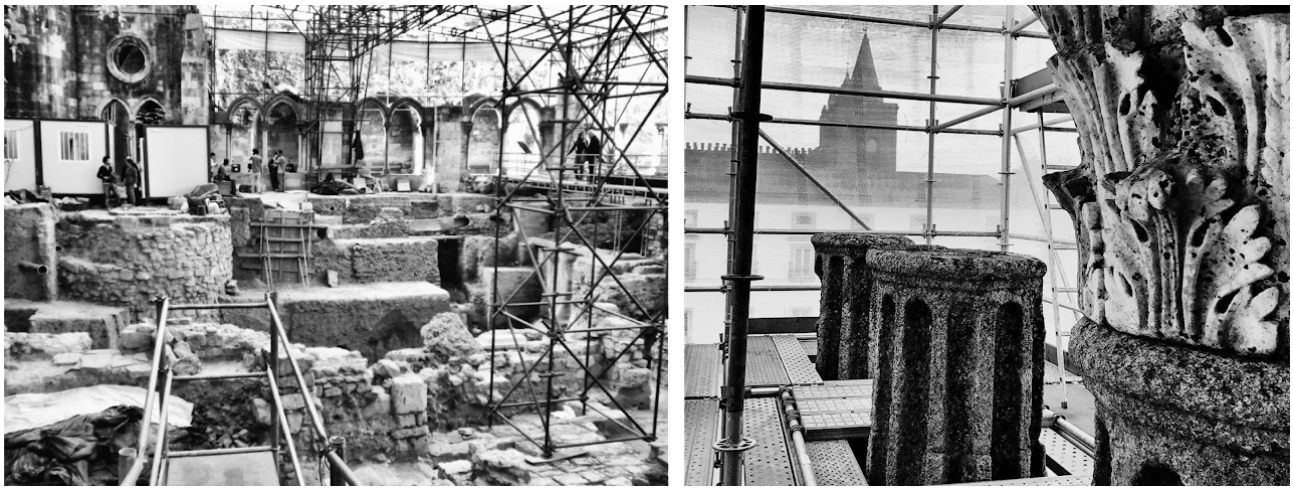


Imagem por varredura a laser das ruínas de um dos primeiros engenhos de açúcar instalados no Brasil (circa 1540): o que resta do chamado Engenho São Jorge dos Erasmos remanesce inscrito na paisagem urbana periférica da cidade litorânea de Santos, Ilha de São Vicente. Os vestígios de tais estruturas arquitetônicas, reconhecidas como patrimônio histórico nacional, são testemunhos físicos que documentam a manufatura do açúcar, prefigurando a linha de produção industrial capitalista, implantada nos tempos de conquista de antigos territórios indígenas, de etnias subjugadas, exploradas pela escravatura, assim como das gentes escravizadas em África que chegaram a partir da exploração mercantil colonial quinhentista, cuja dinâmica fundava as bases de uma sociedade mestiça. Imagem: Silvio Luiz Cordeiro.

e geográfico inicial, com referências às paisagens de Portugal, do Brasil, ilhas no Atlântico, Índico e Pacífico, sítios em África, Índia, China e Japão, compreendidas na memória das travessias marítimas durante a exploração colonial mercantil dos portugueses. Abrange-se, portanto, um contexto amplo, como palco das ações humanas dinamizadas por relações históricas e econômicas nos lugares envolvidos pelas navegações portuguesas nos séculos XV e XVI.

ou recuperar a própria história humana anterior ao contexto dessas viagens oceânicas inauguradas pelos portugueses — vale lembrar, também referidas para o início da chamada Idade Moderna.

Pois revisitamos processos anteriores de exploração colonial, migrações, invasões e fundações de cidades sobre terras ancestrais conquistadas no chamado Velho Mundo, banhado pelo Mediterrâneo. Entram em cena, portanto, teste-



À esquerda, escavação arqueológica do Claustro da Sé de Lisboa (2011), sítio exemplar pelas evidências das cidades anteriores (de Olisipo à Luxbuna islâmica). À direita, colunata remanescente do Templo Romano de Évora durante o restauro (2017). Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

Ainda que a definição científica do início pelo qual podemos identificar a nova época geológica considere a chamada *Grande Aceleração*, nossa abordagem propõe aquele recorte inicial como fator relevante do complexo fenômeno que, pela primeira vez na história humana, engendra a progressiva interconexão de territórios e seres numa escala mundial, provocada pela colonização. Contudo, em referência a tais lugares nessa geografia expandida, a série de encontros também aborda fatores que documentam memórias ainda mais antigas, inscritas no teatro de paisagens conformadas no tempo, no sentido de se redescobrir

munhos físicos — ruínas em sítios arqueológicos de lugares significativos — a saber: tanto aqueles relacionados com a história da colonização de territórios ibéricos no ocidente da península pelos romanos na Antiguidade, depois pelos suevos, visigodos e mouros na Idade Média, territórios delimitados pelas fronteiras de Portugal, o primeiro Estado Moderno, quanto determinados sítios em Ilhas do Atlântico e do Índico, em África, Índia, China e no Brasil, incluindo referências a vestígios da história humana muito anterior a estes processos, por exemplo de culturas paleoindígenas e arcaicas na Amazônia, vasta região da

Na Amazônia, novas atividades e estruturas surgiram no tempo, incluindo o crescimento periférico de cidades, motivado pela exploração capitalista que se introduziu na região. Fordlândia, Projeto Jari, Projeto Carajás, plantações de soja, pecuária, madeireiras, garimpo, são alguns exemplos no Pará, estado com grandes áreas devastadas. A rodovia Transamazônica, as hidrelétricas — Belo Monte, Balbina, Jirau, Santo Antonio, assim como as usinas projectadas para o rio Tapajós — entre outras infra-estruturas, assinalam a transformação da paisagem regional e insistem em modos predatórios de integração da Amazônia aos setores produtivos, sob demandas e práticas econômicas que transcendem fronteiras. Ambas imagens acima, documentam a construção de Belo Monte, a maior hidrelétrica na Amazônia (a 4ª maior do mundo), pelo barramento e o desvio do rio Xingu, gerando diversos impactos sobre o ambiente, povos indígenas e ribeirinhos, além de influir na dinâmica de paisagens urbanas, por exemplo da expansão periférica de Altamira no Pará. Imagens: Lalo de Almeida.

América do Sul que elegemos como tema central da mostra *TransAmazônias: Zonas Imaginárias,* com minha curadoria e produzida especialmente para o primeiro encontro da série Antropocênica em Portugal no ano de 2022.

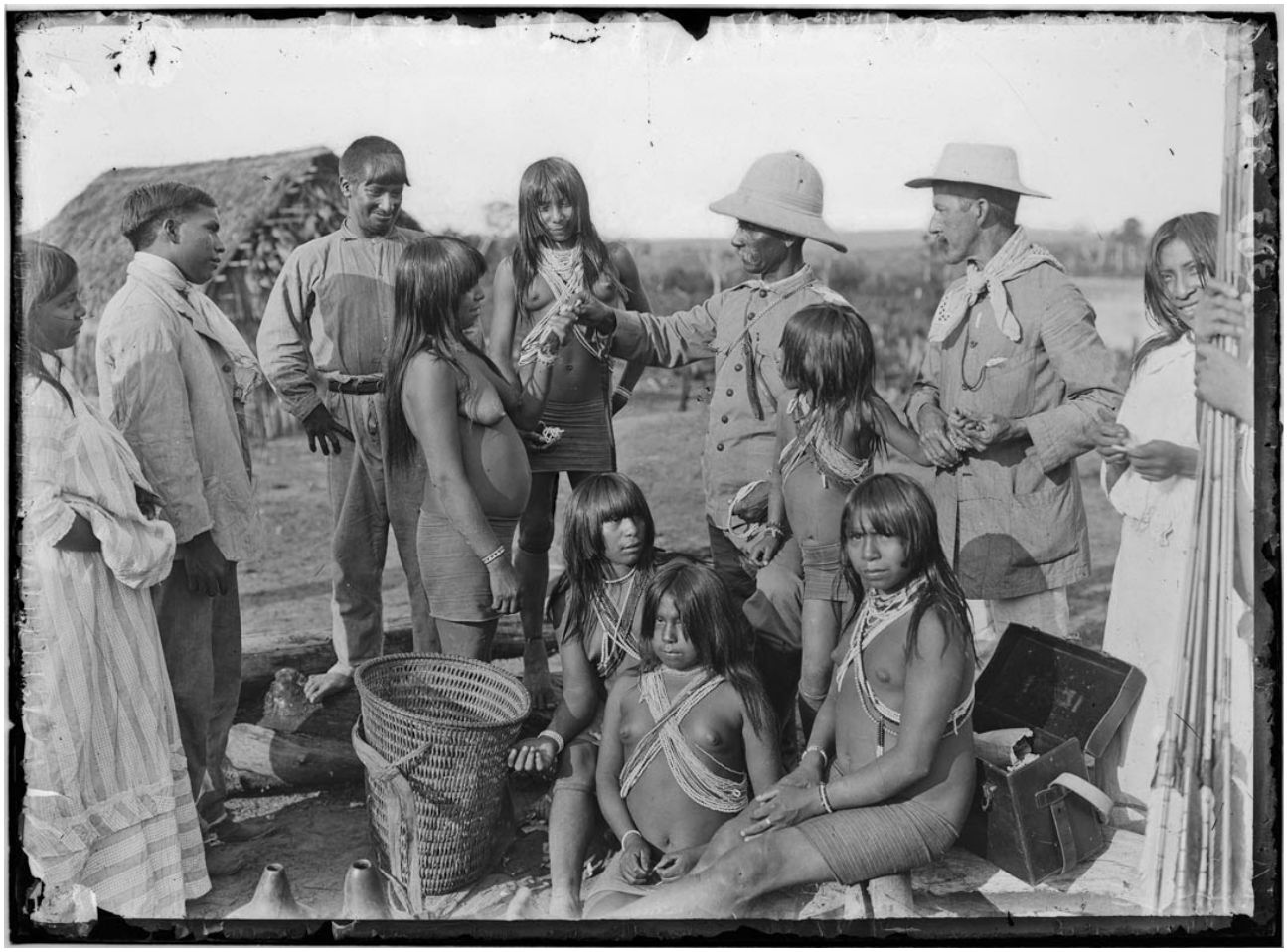
Assim, vistos em conjunto, os sítios selecionados compreendem as diversas transformações no ambiente pela construção de paisagens culturais no tempo. Se os vestígios mais antigos, como aquelas evidências pretéritas em ruínas da Antiguidade, não são suficientes para cumprir exigências da comunidade científica enquanto marcadores geológicos para se definir o inicio do Antropoceno, todavia elas importam como referencial para desdobramentos históricos futuros, posto que nelas podemos reconhecer muitos dos elementos que, séculos depois, entraram novamente

À esquerda, vista da skyline da cidade de Manaus, com a cúpula do Teatro Amazonas ao centro, símbolo do poderio econômico do século XIX — sobretudo advindo da exploração dos seringais e seringueiros — de uma elite urbana culturalmente identificada com a Europa. À direita, troncos de grandes árvores cortadas em desmatamentos no interior da Selva Amazônica e transportados pelo rio Solimões até um entreposto fluvial na altura da cidade amazonense de Tefé. Imagens: Silvio Luiz Cordeiro.

em cena, por exemplo: as navegações entre oceanos, a expansão urbana e comercial, a escravatura.

Tais evidências de cenários passados, onde se localizaram atividades relacionadas com o domínio territorial e humano no contexto da colonização romana da Península Ibérica, por exemplo, estão nas ruínas como a antiga *villa* romana de São Cucufate, em Vila de Frades, Vidigueira, Portugal: antes de ser adaptada ao uso religioso na Idade Média, quando o lugar já estava em ruínas, a propriedade de romanos abastados foi explorada por séculos, com mão de obra escrava no território alentejano.

Passado o tempo, encontramos, por exemplo, os mesmos elementos de processos coloniais novamente em cena, como testemunham as ruínas da Cidade da Ribeira Grande (Cidade Velha) em Cabo Verde, assim como no Brasil, testemunham



Em fins do século XIX, a recém república instaurada no Brasil, por militares e políticos alinhados aos ideais positivistas, mobilizava recursos para expandir infra-estruturas de comunicação pelo interior do país, visando integrar regiões, ainda pouco mapeadas, ao sistema telegráfico nacional, abrindo-se com isso novas frentes de colonização e o encontro com povos indígenas que lá habitavam. No início do século XX, sob o comando de Cândido Mariano da Silva Rondon, a instalação da linha telegráfica seguiu rumo noroeste, alcançando o Amazonas desde o Mato Grosso. A imagem acima, de 1913, mostra Rondon (visto no centro da fotografia) em aldeia da etnia Paresí no Mato Grosso, presenteando mulheres indígenas. A cena simbolicamente também representa o imaginário de antigas formas de atração e contacto utilizadas por navegantes, mercadores e colonos europeus, quando aportaram no litoral atlântico brasileiro, encontrando primeiro, cinco séculos atrás, com várias etnias Tupi em seus territórios ancestrais. Imagem: Luiz Thomaz Reis / Acervo Museu do Índio.

os remanescentes arquitetônicos do Engenho de Erasmus Schetz em Santos (CORDEIRO 2007); as evidências vestigiais da antiga cultura Tapajó, subjugada no período colonial do Brasil e que jaz sob a cidade amazônica de Santarém, no estado brasileiro do Pará, assim como da cultura indígena que habitou o sítio a partir do qual se expandiu a maior cidade da Amazônia brasileira, Manaus.

São estes elementos, entre outros, que atuam no desdobramento de novos processos que alcançaram, entre os séculos XV e XVII, todos os continentes, disparando-se assim eventos em escala global, pela progressiva interconexão de territórios, suas gentes, seres, matérias, objetos e idéias.

Entretecemos múltiplas fontes e reflexões sobre as paisagens vivenciadas no tempo, como o contraste entre ruínas e vestígios do passado e as estruturas do presente, enquanto índices de processos transformadores nos lugares indagados e das relações dinâmicas (culturais, políticas, sociais, econômicas, ambientais, tecnológicas etc.) que instauram novas formas pelas quais as sociedades imprimem, cada qual em seu tempo histórico, as suas marcas nos territórios habitados.

Como resultante desta série de internacional, teremos um conjunto multimídia a ser difundido com as diversas reflexões e referências aportadas, a transgredir fronteiras disciplinares, em novos olhares sobre as transformações e memórias inscritas nas diversas paisagens indagadas, expressas nas cenas do drama humano no teatro do mundo em mutação.

Post Scriptum

Glossário anárquico para reimaginar conceitos nas esferas do mundo em mutação

Arqueologia

Tempo e espaço, duas dimensões conexas, na medida da vivência e experiência sensível da humanidade na Terra. Entre as ciências humanas, a arqueologia — ou, mais propriamente, as arqueologias, reconhecendo-se a pluralidade de vertentes que caracteriza esta disciplina, desde décadas recentes — constitui-se de estudos que estão sempre a dialogar com tais dimensões. Ou melhor, a interligá-las pela construção epistêmica de pontes imaginárias, no exercício entre duas instâncias temporais de percepção e análise — passado e presente —, quando examinados os sítios e objetos situados nas paisagens indagadas por estudos arqueológicos, recorrendo-se a técnicas específicas. Todavia, apresenta-se a terceira instância da habitual tríade temporal, quando a arqueologia contribuiu para reconhecermos, nas ações antrópicas levantadas, algumas tendências ou fatores que evoluem, mudam, alteram-se, e que assim podem influir na configuração de cenas e cenários do futuro. Em uma palavra, podemos sintetizar o essencial que ela, como ciência humana, identifica, interpreta, traduz: a transformação (vale relevar a conjunção, sugerida neste termo, de ambas as dimensões antes referidas).

Neste sentido, a disciplina lida com processos de finitude, porque a sua matéria-prima elementar são restos, fragmentos, ruínas. Ela pode ser compreendida como ciência que produz — sempre

em algum momento inscrito no contemporâneo, isto é, no tempo atual de quem exerce a arqueologia — narrativas das diversas formas de humanidade que afetam o imaginário coletivo quando propagadas, porque envolve (e revolve) imagens e sentidos em vários níveis; e interessa porque provoca a memória social e nos dá um certo porto para ancorarmos referências existenciais de nossa experiência como seres que habitam e transformam progressivamente, há muito tempo, o planeta e que, em sua jornada, a expandir fronteiras, aventuram-se fora dele.

Esta ciência escreve a história daqueles que não a escreveram — ou melhor, que a escreveram, mas por códigos para nós hoje "inacessíveis", por exemplo de certas pinturas e gravuras rupestres — e assim desvela trajetórias, na longa duração, por múltiplas vias de penetração, até chegar aos recessos vestigiais de nossa espécie e daquelas ancestrais, mais antigas, de espécies que nos antecederam, no alcance de um tempo remotíssimo, quando hominídeos habitaram e transitaram por territórios, expandindo seus horizontes de domínio.

Tal ciência pode assim dar voz, interpretando os testemunhos físicos remanescentes, àquelas existências pretéritas, narrando a história de seres que, no fluir do tempo, transformaram-se ao passo em que transformaram o próprio espaço habitado, construindo suas diversas paisagens culturais, até a forma difusa do ambiente ultra-artificial que se apresenta na atualidade: as paisagens urbanas contemporâneas, hiperedificadas, repletas de acentos verticais que interditam as visuais antes abertas ao horizonte.

Arquitetura

Se a arqueologia pode ser considerada, em certo sentido, como uma (cons)ciência da finitude, ou de processos e dinâmicas que se desvelam no estudo da finitude — como um escavar de memórias nas paisagens —, a arquitetura, por outro lado (e no limite), é uma arte criadora, que inicia e contribui para instaurar, ou reiterar, complexas relações, inclusive de dominação.

Arquitetura, como arte técnica (ars) — a tectônica, propriamente dita —, está entre os mais antigos conhecimentos da humanidade, um saber também visto em outras espécies animais, como aquelas que constroem elaboradas estruturas. Daí compreendermos que a "arte de construir", em amplo sentido, não é exclusiva do humano: outros seres constroem. Todavia, é característica de nossa espécie a variedade de formas edificadas e o aprimoramento técnico estrutural que tornaram possíveis sua sobrevivência e expansão na Terra. E fora dela.

Como o maior artefato humano construído, resultante expressiva e transformadora do projetar e edificar em determinado território, desde suas remotas origens — e sempre no âmbito do saber em arquitetura —, a cidade evidencia assim, no tempo presente, a consolidação do fenômeno urbano — ou, ainda, do habitat urbano propriamente dito — pela reprodução deste modo físico de habitar em sociedade que, desde tempos ancestrais, em culturas e geografias diversas, ultrapassou os limites e ritmos da vida aldeã.

No início do século XXI, quando pela primeira vez na história, a maior parte da população mundial passa a residir em cidades, evidencia-se, em nítida imagem, essa tendência ao urbano, aos territórios urbanizados, à formação de vastas zonas urbanas, sob a forma tentacular de redes de estruturas técnicas interligadas e à profusão de acentos verticais, altos edifícios que adensam habitantes sobre tais espaços artificiais.

Consolidam-se vetores significativos que influem nessa dinâmica difusa, expandindo paisagens urbanas, cujas magnitudes e complexidades de inter-relações e interações (econômicas, sociais, ambientais etc.) impactam, em escala global, a chamada biosfera.

A arquitetura, considerada no âmbito do urbano da (re)produção contemporânea de cidades, impõe repensar sua práxis, no sentido de ultrapassar, desta vez, tudo aquilo que nela há de predatório sobre o ambiente e sobre os seres, violências visíveis que marcam o Antropoceno, uma época de produção de ruínas: não mais arquiteturas subjugadas por determinantes espetaculares, que amplificam a ambivalência da transformação criadora / destruidora de paisagens. No usufruto de tantas potencialidades tecnológicas contemporâneas, reaprender-se-ia com antigos saberes, como os transmitidos ainda no seio de povos originários, em que a finitude e a transcendência são consideradas de certo modo e que o antigo conceito vitruviano de firmitas, que pressupõe a permanência, pode ser reiterado como imanência de uma arquitetura promissora e propícia à vida como um todo, além do humano e do indivíduo, em sua dimensão efêmera.

Antropocênica

O neologismo mantém uma relação com o conceito geológico de Antropoceno, naquilo que se difunde cientificamente, grosso modo, das transformações provocadas por humanos no ambiente, portanto, as diversas ações antrópicas que transformaram o mundo com intensidade e impacto exponenciais desde a chamada Grande Aceleração, a partir da década de 1950, portanto, de forma progressiva pelas sociedades contemporâneas sob o impulso do capitalismo, nesta acepção temporal. Uma das resultantes é a expansão urbana, em redes tentaculares que se evidencia no início do século XXI.

Porém, no âmbito do recorte histórico e geográfico proposto pela série Antropocênica, esta nova palavra se libera da ênfase geológica, no sentido das definições que se elaboram no seio da comunidade científica e, especificamente, das geociências. Assim, mantida aquela relação, não apenas o novo termo reconhece o fato científico dos impactos que afetam processos naturais em escala global, com evidências no contexto estratigráfico do tempo geológico recente, por exemplo, identificadas em prospecções por todo o planeta; mas, sobretudo, designa a existência de nossa espécie no mundo, presença que habita e assim atua na mutação das paisagens no tempo: as distintas ações antrópicas se deram e se dão em lugares compreendidos como palco, referência ao teatro, numa primeira instância simbólica.

A proposição de Antropocênica (*antropo + cênica*) compreende o conceito científico que identifica a nova época geológica proposta — o Antropoceno — no qual reconhecemos a intensidade e aceleração

das transformações provocadas pela humanidade na Terra, e retoma a metáfora do "mundo como teatro", como abertura ao pensar e imaginar, como se expressa na frase que propus como síntese da série Antropocênica: "*as cenas do drama humano no teatro do mundo em mutação*"; e o teatro, por sua vez, como um termo que envolve também o conceito de ambiente construído.

Tal abrangência transpassa as fronteiras entre Holoceno e Pleistoceno ao encontrarmos, nessa temporalidade mais profunda, os primórdios de nossa espécie; mas, para o neologismo proposto, importam menos as predefinições das épocas geológicas, pois interessam mais as considerações filosóficas do Antropoceno.

Antropocênica, portanto, observa esse ator social, que entra em cena desde um passado distante, que vive e habita em sociedade; ser transformador, nos avanços de suas tecnologias que, progressivamente, influenciam, em vários níveis e com impactos variados, as dinâmicas do planeta, pela sua interação com o ambiente, com outros seres e consigo mesmo — isto é, consideradas as sociedades humanas — tantas vezes de forma violenta e destrutiva, como a guerra. Personagem plural, protagonista de seu próprio drama, sujeito ambivalente, ambíguo, criador e destruidor, que elabora e interage em sua cena.

Com o termo Antropocênica — a referir tanto a paisagem diversa da existência humana, que atua e expande suas ações no teatro do mundo, quanto as narrativas desta agência do humano — podemos abordar as cenas dessa presença ativa, estejam elas expressas em antigas ou novas ruínas, em redes urbanas etc.

O novo termo ainda remete a outras expressões artísticas além do teatro, como a pintura, a gravura, a fotografia, o cinema, meios expressivos pelos quais artistas diversos elaboraram e elaboram imagens e imaginários das ações humanas; e sugere a difusa e massiva produção de imagens — seja pela indústria cultural de modo mais amplo, seja pelas pessoas, em posse de dispositivos móveis de comunicação, com suas câmeras integradas — nas relações sociais intermediadas por imagens e telas eletrônicas na existência contemporânea de nossa espécie, marcada pela aceleração e instantaneidade, pela incessante produção e consumo das cenas humanas espetaculares (DEBORD 1997) do tempo presente.

Cena

Em teatro, assim como no cinema — mas também na pintura, gravura e na fotografia, em imagens relacionadas com os contextos narrativos — a cena compreende uma certa unidade dramática da narrativa, da montagem teatral ou fílmica. Se na origem do teatro entre os helenos, a cena (*skene*) era um dispositivo físico central na zona em que a encenação se dava, com o tempo, o sentido do termo passou a designar toda a zona de palco e, daí, por nova extensão, o lugar imaginário, dramático por assim dizer, dos acontecimentos encenados, isto é, da ação.

A série Antropocênica apropria-se do conceito naquilo que a palavra aporta, tanto da antiga acepção — palco-lugar da ação — quanto do campo

teórico das artes do teatro e do audiovisual, considerada a cena também em sua qualidade temporal, ou seja, como uma certa unidade (ou dinâmica) que se reconhece no âmbito da narrativa. Aqui evidencia-se a relação que fazemos com a paisagem, ou melhor, com um determinado tempo desta paisagem na história: a *skyline* de uma metrópole contemporânea, por exemplo, como cena expressiva da forma e vida urbana, assim como as múltiplas vias nesse *organismo cinemático* (GIOVANNONI 1995), típicas do presente no Antropoceno.

Cenário

Trata-se de uma variante do conceito anterior, naquilo que mais expressaria como forma — pelo exemplo citado da *skyline* no conceito cena — mas também como perspectiva de articulação, dinâmica e tensão das cenas, um certo fundo contextual que se elabora no tempo, o que evidencia o encadear de processos que, por serem interagentes, tendem a acelerar o ritmo das transformações das paisagens no Antropoceno.

Colonizar

No limite, uma ação de domínio, seja territorial, seja político-ideológico. Acto deliberado, a promover processos de expansão e exploração, instaurando-se outras formas sobre paisagens anteriores, que serão assim transformadas. Tais processos envolvem e provocam, historicamente, migrações de vários níveis de impacto, alcance — veja-se, por exemplo, a escala interplanetária em progresso no tempo presente — conflito e disputa, como guerras e outros modos de violência, inclusive simbólica, sob formas variadas de sujeição. Situações extremas de colonizar, tanto no passado como no presente, estão documentadas, demonstrando-se a permanência de antiga prática de subjugar gentes, impondo-lhes um novo cenário e condição, por exemplo, como escravos (MONTEIRO 1994). Pressupõe ainda a invasão, como estratégia ou atividade inerente à própria ação de colonizar.

Ruína

Estruturas fragmentárias que remanescem no presente, as ruínas são testemunhos da história de paisagens, sobretudo urbanas, nos vestígios arquitetônicos componentes da memória de lugares: evidências remissivas às temporalidades pregressas; existências decaídas de um tecido urbano anterior, assim presentes e em contraste com a cidade contemporânea (CORDEIRO 2013). Neste sentido, relacionam-se diretamente com o conceito de Palimpsesto (a ser explicitado adiante). Tais estruturas, inscritas na paisagem vivenciada, documentadas em imagens, transgridem a fronteira temporal entre presente e passado.

Ninguém é indiferente diante delas: as ruínas provocam o ser e o estar no mundo; evocam desde sentidos contemplativos e apreciações estéticas às memórias sobre fatos violentos e reflexões existenciais sobre a finitude.

As ruínas, como presença significativa na paisagem, como dimensão sensível no reconhecimento dos vestígios físicos de outrora, podem ser pensadas como espaços do tempo, quando nelas redescobrimos as temporalidades do espaço habitado.

Diversas ruínas, valorizadas como patrimônio histórico, com ênfase em relações culturais identitárias, serviram — e ainda servem — a fins políticos, quando mobilizadas dentro de imaginários e narrativas elaboradas por engajamentos nacionalistas — por exemplo de monumentos nacionais e até transnacionais — que procuram legitimar origens (míticas) de nações modernas (GEARY 2005), apropriando-se delas para fins discursivos a difundir determinadas ideologias, inclusive filofascistas.

Ruínas imponentes, representam o potencial artístico e o engenho técnico de antigas civilizações: elas transmitem valores culturais, morais e símbolos de poder. No Antropoceno, as ruínas nos dão a medida crítica das transformações e a gravidade dos fatores atuantes.

Palimpsesto

Se a paisagem pode ser lida, podemos considerá-la enquanto escrita daqueles atores que nela imprimiram suas marcas, transformando-a. A sucessão e a mudança dos atores e suas ações no tempo sobre um mesmo lugar geográfico atuam na construção e mutação da paisagem, muitas vezes a reconfigurá-la totalmente (SANTOS 1985); ainda assim, algo do passado nela sobrevive.

A palavra envolve o sentido de apagamento deliberado, daí sua relação possível com as ruínas resultantes de destruição premeditada, ou mesmo de abandono. Não se trata de sobreposição de camadas, e sim da permanência vestigial e fragmentária de certa realidade antes constituída sobre um território (suporte da escrita, da ação, da cena) e, portanto, ainda presente. Sugere ainda a leitura de um novo uso, uma nova cena escrita, daquilo que se apresenta construído, instituído, representado na paisagem hoje habitada, onde antes se exerciam outras realidades sociais, culturais, econômicas, físicas, outros contextos históricos e sentidos que, de algum modo, restam, como as ruínas e demais remanescentes de outrora.

Expresso desta forma, o conceito contribui como recurso no estudo e no imaginário da paisagem do Antropoceno.

Teatro

Espaço, ambiente, ambiência em que a narrativa cênica se desenvolve (CORDEIRO 2011). A metáfora inspira o nome da série Antropocênica, no sentido de *palco-arena-lugar* das cenas humanas, a sugerir as humanidades que atuaram — e atuam — na transformação do Mundo, portanto, forças que agem na construção de paisagens próprias, muito evidentes na memória histórica das paisagens urbanas (MUMFORD 2008), por exemplo.

Atua-se no tempo, sobre o território, assim compreendido como lugar geográfico onde se localizam, numa certa época, processos dinâmicos que, por fim, caracterizam o tempo histórico: daí podermos falar de narrativas, tanto no sentido das resultantes expressivas deste atuar, quanto das memórias inscritas nas paisagens habitadas e vivenciadas.

O termo no contexto da idealização da série internacional Antropocénica faz também uma referência simbólica ao *Theatrum Orbis Terrarum* (Teatro

do Mundo), de Abraham Ortelius, obra publicada em Antuérpia no ano de 1570 (a editio princeps é reconhecida como o primeiro atlas moderno), contendo gravuras de 53 mapas, acompanhados de textos descritivos.

Bibliografia

CORDEIRO, Silvio Luiz. Transversal do tempo: a transformação da paisagem urbana. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/71/71131/tde-14102014-143234/pt-br.php.

_____. A experiência do vídeo em arqueologia e o ensino de história antiga a partir do estudo da cidade. Revista de História, São Paulo, v. 164, pp. 425-45, 2011.

_____. A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GEARY, Patrick J. O mito das nações: a invenção do nacionalismo. São Paulo: Conrad, 2005.

GIOVANNONI, Gustavo. Vecchie città ed Edilizia Nuova. 2. ed. Turim: Città Studi Edizioni, 1995.

MONTEIRO, John Manuel. Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MUMFORD, Lewis. A cidade na história. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SANTOS, Milton. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1985.